

ESPAÇO PÚBLICO INCLUSIVO E INTERGERACIONAL: abordagem interdisciplinar na revitalização da área do “QUADRADO” em Pelotas-RS

INCLUSIVE AND INTERGENERATIONAL PUBLIC SPACE: an interdisciplinary approach to the revitalization of the “QUADRADO” area in Pelotas-RS

Lisandra Fachinello Krebs¹
lisandra.krebs@ufpel.edu.br

Roberta Mulazzani Doleys Soares²
soares.roberta@ufpel.edu.br

Tássia Borges de Vasconcelos³
tassiav.arq@gmail.com

Eduardo Rocha⁴
amigodudu@gmail.com

Resumo: Este artigo relata uma experiência interdisciplinar desenvolvida nas disciplinas Projeto de Arquitetura I e Teoria e História I da Universidade Federal de Pelotas, com foco na revitalização do espaço urbano conhecido como "Quadrado", às margens do Canal São Gonçalo, em Pelotas-RS. A metodologia de estudo de campo envolveu visitas ao local e caminhografia urbana para a coleta de dados sensoriais, culturais e espaciais. A proposta integrou aspectos tangíveis e intangíveis do território, ampliando a compreensão do espaço urbano como lugar de pertencimento, memória e uso intergeracional. O Programa de Necessidades, elaborado de forma coletiva, incorporou cinco camadas de requisitos: pré-existências, aspectos imateriais, potencialidades do local, expectativas dos moradores e expectativas dos próprios estudantes. Como resultado, o processo gerou propostas projetuais mais conscientes, que contemplaram a preservação de elementos identitários (altar de Iemanjá, Instituto Hélio D'Angola e práticas de pesca), a requalificação de áreas de lazer e convívio com inclusão de acessibilidade, sanitários, feiras comunitárias e espaços de contemplação, além de medidas voltadas à segurança e à integração social. Assim, as propostas buscaram conservar o caráter do lugar, qualificar sem gentrificar e promover a inclusão e integração comunitária.

Palavras-chave: Projeto de Arquitetura; Caminhografia urbana; Espaço público; Revitalização.

Abstract: This article reports on an interdisciplinary experience developed within the courses Architectural Design I and Theory and History I at the Federal University of Pelotas, focusing on the revitalization of the urban space known as the "Quadrado," located along the banks of the São Gonçalo Canal in Pelotas, RS. The field study methodology involved site visits and urban walkography to collect

¹ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

² Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

³ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

⁴ Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Pelotas.

sensory, cultural, and spatial data. The proposal integrated both tangible and intangible aspects of the territory, broadening the understanding of urban space as a place of belonging, memory, and intergenerational use. The Program of Requirements, collectively developed, incorporated five layers of criteria: pre-existing conditions, immaterial aspects, local potentialities, residents' expectations, and the students' own expectations. As a result, the process generated more conscious design proposals that addressed the preservation of identity elements (such as the Iemanjá altar, the Hélio D'Angola Institute, and fishing practices), the requalification of leisure and social areas with the inclusion of accessibility features, restrooms, community markets, and contemplative spaces, as well as measures aimed at safety and social integration. Thus, the proposals sought to preserve the character of the place, enhance it without gentrification, and promote community inclusion and integration..

Keywords: Architecture Project; Urban walking; Public space; Revitalization.

1. Introdução

O Quadrado localiza-se às margens do Canal São Gonçalo, na cidade de Pelotas-RS, em uma área ribeirinha conhecida também como Doquinhas. O espaço surgiu com um caráter industrial, a partir da construção de um atracadouro de pequenas e médias embarcações que atendiam ao Porto de Pelotas. Atualmente, a antiga região de banhado tem um forte caráter de lazer, sendo um ponto de encontro comunitário. Hoje, o local reúne atividades diversas — da pesca a práticas religiosas, esportivas e recreativas — configurando-se como um espaço urbano de forte caráter identitário, intergeracional e cultural. Este artigo apresenta ações ligadas a um exercício projetual de planejamento de revitalização urbana no Quadrado.

O planejamento acontece no Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Pelotas e envolve duas disciplinas do primeiro semestre: “Projeto de Arquitetura I” e “Teoria e História I – Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade”. A disciplina Projeto de Arquitetura I aborda a relação entre o homem e o espaço em suas múltiplas escalas, enfatizando a análise do espaço construído, o estudo de obras de referência e os princípios de composição e organização das formas. Também contempla técnicas de representação e vocabulário geométrico e gráfico, tanto analógico quanto digital e misto, articulados ao processo de projeto. Já a disciplina Teoria e História I – Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade aprofunda a reflexão sobre a prática arquitetônica, considerando dimensões como complexidade, simplicidade, contextualismo, sustentabilidade, pluralismo e

globalização, além de métodos e lógicas projetuais emergentes em diferentes recortes espaciais (Europa, EUA, América Latina e Brasil) (UFPEL, 2025a; UFPEL, 2025b).

A integração das disciplinas é utilizada para ampliar e aprofundar o entendimento do local de projeto, abordando aspectos tangíveis e intangíveis do local. Através de dinâmicas desenvolvidas nas visitas ao terreno em diferentes momentos e em sala de aula, são reveladas as múltiplas camadas que compõem o desafio de se propor uma intervenção urbana em local com identidade já definida.

O desafio posto nesta etapa inicial de projeto, é a elaboração de um Programa de Necessidades que responda às demandas de manutenção do caráter do local, que é um espaço urbano intergeracional onde ocorre a atividade econômica de pesca, mas também é um lugar de lazer e de cultura familiar; religiosa⁵; social (a sede do Instituto Hélio D'Angola) que é uma organização social com atividades educativas, sociais e culturais que ajudam a revitalizar a região antes dominada por cenários de abandono e vulnerabilidade); e recreativa (parquinho infantil, quadra esportiva e espaços de convívio). Além disso, os projetos propostos devem contemplar a acessibilidade – o que atualmente não existe – para, no mínimo, cadeirantes.

O sucesso de um projeto de intervenção urbana necessita compreender os requisitos de projeto para além do repertório pessoal do projetista, seja esse repertório prévio ou adquirido (como através de estudo sobre o tema de projeto). A ampliação desta apropriação do local passa por nuances do imaterial, daquilo que não se pode apreender pelos métodos tradicionalmente adotados em atelier de projeto, como uma única visita de observação *in loco* ou consulta via *Google Maps*. Entendendo esta demanda, as duas disciplinas do primeiro semestre do curso de Arquitetura e Urbanismo trazem as vivências pessoais e obtidas no local de intervenção para o processo de elaboração do Programa de Necessidades.

⁵ As práticas religiosas e espirituais vão além do culto a Iemanjá, ainda que sua presença simbólica seja central no espaço. Outros orixás e entidades também se fazem presentes, como a devoção a Nossa Senhora dos Navegantes, revelando a força do sincretismo religioso na construção cultural do lugar.

Dentro de um planejamento prévio e de forma sequencial, o entendimento de aspectos do local fundamentais à gênese do processo projetual acontece ligado às etapas e discussões que ocorrem em aula. Estas informações, ora de ordem tangível (como pré-dimensionamentos), ora de ordem intangível (como aspectos culturais, religiosos, econômicos, dentre outros), integram nuances que se revelam e se complementam através de conversas com moradores e usuários, de caminhografia e de diversas visitas ao local.

O objetivo principal deste estudo é relatar como diferentes vivências no terreno de projeto, planejadas em diversas etapas de sua concepção e com métodos específicos, potencializam o entendimento das distintas camadas que compõem a apropriação do local para o qual uma intervenção urbana é proposta. Assim, oportunizam-se que os aspectos imateriais garantam sua devida importância na elaboração das propostas projetuais.

2. [A margem] Precedentes conformadores de um signo urbano

Estabelecida no extremo sul do Brasil, a cidade de Pelotas possui uma população de mais de 300 mil habitantes e é reconhecida como cidade histórica⁶ pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan, 2014). Assim, para além de edificações isoladas tombadas e inventariadas, saberes e modos de fazer, o Iphan (2014) se atenta para a importância desta configuração urbana, respectiva ao centro de Pelotas. Introduzimos essa breve apresentação como uma aproximação da cidade média contemporânea com suas particularidades e seus signos, conforme expressado por Secchi (2006):

A maior parte da superfície terrestre é um imenso depósito de signos conscientemente deixados por quem nos precedeu: cidades, vilarejos, casas e barracos isolados, ruas e trilhas, canais, galerias, diques, terraços [...]. Neste conjunto de signos, podemos apreender um vasto conjunto de intenções. (Secchi, 2006, p. 15).

⁶ Pelotas desde o século passado tem alguns edifícios ou monumentos tombados pelo Iphan (isoladamente). O reconhecimento como "Patrimônio Cultural Nacional" vem em 2018, com o reconhecimento do "Conjunto Histórico de Pelotas" e o "Registro do Doce".

Podemos observar que a dinâmica de implantação de Pelotas reflete uma prática frequente no desenvolvimento urbano, marcada pela proximidade de cursos de água (Coy, 2013). Esta dinâmica está indicada no mapa do século XIX (Figura 1, à esquerda), exemplificada pelo Arroio Santa Bárbara (A) e o Canal São Gonçalo (F). Esta lógica visa o abastecimento de água e suprimentos. Cabe-se destacar a importância do escoamento de uma produção de charque⁷ já consolidada naquela época, visto que nas últimas décadas do século XVIII foi estabelecido o polo charqueador escravista na região (Gutierrez, 2004).

A relação da cidade em questão com a água se estabelece de maneira dicotômica no tempo, se em alguns momentos era celebrada e buscava-se proximidade, em certos momentos afastada das atividades centrais conforme explicitado na Figura 1. Toma-se como referência de centralidade a Praça Coronel Pedro Osório (C), e explica-se o momento de afastamento da mesma com a transposição do Arroio Santa Bárbara (A) que passa a ser conhecido como Canal Santa Bárbara (B).

A cidade está implantada em uma planície, especificamente correspondente a planícies aluvio-lagunares onde comumente ocorrem banhados, conforme apontado por Silva e Rehbein (2018). Analisando o perímetro urbano atual, podemos identificar uma porção da cidade que margeia corpos d'água importantes, ao exemplo das três margens marcadas com traço e ponto: Arroio Pelotas (H), Canal São Gonçalo (F) e da Lagoa dos Patos (G), conforme explicitado na Figura 1, na porção superior direita.

Em maio de 2024, dada a combinação de uma quantidade de chuva expressiva em um curto período de tempo no Rio Grande do Sul e as recentes flexibilizações em legislação ambiental, Pelotas, assim como vários outros municípios do RS, enfrentou a pior enchente deste século. Entendendo a importância das águas para a região e as dinâmicas estabelecidas, a estratégia das duas disciplinas foi mobilizar-se para estudar as áreas de margem, incluídas aquelas afetadas nesta e em tantas outras enchentes.

⁷ Charque é o nome dado no à carne bovina salgada e desidratada ao sol. Este método de conservação torna a carne própria para consumo por períodos prolongados, e foi tradicional nas fazendas da região Sul, por este motivo denominadas “Charqueadas”.

Assim, o terreno escolhido para o exercício projetual está indicado em vermelho na porção inferior direita da Figura 1, o qual encontra-se na margem do Canal São Gonçalo e popularmente é conhecido como “O Quadrado”. Ainda, destacam-se algumas imagens históricas da área na porção inferior direita da mesma figura. Cabe ainda destacar a proximidade física da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo com a área em questão, a qual está dentro de um raio de 500 metros, o que oportuniza um vínculo maior com os estudantes e uma facilidade para realizar as visitas ao sítio. Estabelecido em um local que originalmente era uma região de banhado, “O Quadrado” é um atracadouro de embarcações de pequeno e médio porte, que a partir da sua construção muda drasticamente as características da localidade.

Figura 1: Diagrama da relação da cidade de Pelotas com corpos d’água e com o terreno



Fonte: Autores. Adaptada a partir de imagens obtidas nos repositórios do Arquivo Nacional (2025) e da Prefeitura de Pelotas (2025).

Segundo González e Marchi (2022), o Quadrado teve sua construção datada de 1950 e passou por diversas transformações ao longo do tempo. Inserido em uma região que, desde o final do século XIX até a década de 1980, concentrou indústrias e atraiu

moradores, o espaço mais recentemente consolidou-se como um importante ponto de lazer e convívio social, especialmente entre a juventude.

Atualmente, o espaço encontra-se saturado quanto à formação de novos lotes, apresentando intensificação da degradação do banhado residual e expansão de áreas de ocupação irregular (Reckziegel, Fernandes e Polidori, 2008).

3. Percursos e práticas: percepção e apropri[ação] do espaço

O método empregado é o estudo de campo com ferramentas metodológicas de natureza qualitativa, envolvendo as seguintes ações: visita inicial ao local (visita conjunta 1); caminhografia; dinâmica de elaboração conjunta do Programa de Necessidades; e retorno ao local (visita conjunta 2).

3.1 Visita inicial ao local

A primeira visita priorizou a apropriação por meio das próprias vivências dos estudantes. Oportunizou uma observação direta do espaço e das dinâmicas estabelecidas no local. Na primeira visita, a principal forma de identificação com o espaço esteve relacionada ao seu caráter lúdico. Eles interagiram com os elementos do ambiente – como o navio que passava –, além de correr, escalar árvores e utilizar os brinquedos destinados à recreação infantil (Figura 2).

Figura 2: Atividades lúdicas exploradas no primeiro contato com o local, em 2025



Fonte: Acervo da disciplina de Projeto de Arquitetura I.

Nessa primeira visita ao local, os estudantes realizaram o levantamento dos dimensionamentos espaciais por meio de medições utilizando o próprio corpo (Figura 3) e também analisaram aspectos ambientais: sentiram o vento (era um dia frio de abril), perceberam a incidência solar (relembrando uma aula prévia, tentaram entender a trajetória do sol no terreno) e observaram a ocorrência da arborização existente. Identificaram ainda uma pré-existência considerada fundamental para o projeto – uma quadra de esportes – além da ausência de sanitários públicos para seu uso.

Durante esta etapa, os acadêmicos elaboraram um diário de campo, contendo anotações, medidas e desenhos referentes ao local para subsidiar as futuras propostas do projeto e para a elaboração do Programa de Necessidades. Além do diário de campo, houve conversas informais com os moradores e visitantes da área.

Figura 3: Apropriação inicial de dimensionamento do espaço físico. 2025.



Fonte: Acervo da disciplina de Projeto de Arquitetura I.

3.2 Caminhografia

A caminhografia urbana é uma metodologia de pesquisa e criação que se constitui a partir da experiência do caminhar como forma de leitura, inscrição e intervenção no espaço urbano. Diferente de abordagens exclusivamente objetivas, a caminhografia valoriza a dimensão sensível, subjetiva e coletiva do deslocamento a pé, incorporando elementos como percepção corporal, memória, escuta e afeto nos registros do território. A atividade de caminhografia dividiu-se em caminhada de observação e cartografia coletiva.

Conforme descrito no *Verbolário da Caminhografia Urbana* (Rocha e Santos, 2024), trata-se de uma prática que articula o andar com o observar, o sentir com o narrar, propondo modos plurais de conhecer a cidade e seus conflitos. Nesse sentido, a caminhografia configura-se como uma ferramenta crítica e poética para revelar

camadas invisibilizadas do espaço urbano, especialmente em contextos marcados por desigualdades, apagamentos ou disputas simbólicas. Adotamos essa abordagem no âmbito da disciplina Teoria e História I – Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade em dois momentos: na caminhada de observação e na cartografia coletiva. Participaram 28 estudantes, organizados em pequenos grupos.

3.2.1 Caminhada de observação

O percurso aconteceu no setor mais amplo Doquinhas-Porto, área ribeirinha marcada por conflitos de uso e processos de transformação urbana, sendo finalizado no Quadrado. Antes de iniciar, cada estudante realizou um “aquecimento sensorial”, permanecendo um minuto em silêncio para ativar percepção tátil, olfativa e sonora. Ao longo da caminhada, os estudantes:

- Fotografaram de três a cinco cenas representativas (ocupações, contrastes, símbolos, natureza);
- Registraram croquis livres do trajeto, indicando fluxos corporais e visuais, bem como sensações emergentes;
- Conversaram com ao menos um morador ou trabalhador local, anotando falas marcantes e contextos de mudança;
- Selecionaram coletivamente um ponto-chave que sintetizasse a experiência, reunindo imagens, desenhos e anotações.

Esses registros constituíram o corpus empírico inicial (fotografias, mapas de percurso, notas de campo e transcrições de falas).

3.2.2 Cartografia coletiva

Na segunda etapa, os grupos transformaram os dados produzidos em mapas narrativos sobre uma base em papel A2 fornecida. Cada equipe trouxe:

- Fotos impressas do primeiro dia;
- Anotações sensoriais e conversas transcritas;

- Croquis com marcações gráficas e afetivas;
- Materiais de colagem (revistas, canetas, lápis e outros materiais).

Durante a oficina, elaboraram um mapa sensível que combinava elementos objetivos (trajeto, usos, edificações) e subjetivos (afetos, memórias, cheiros, sons). Cada peça incluía título, legenda simbólica e destaque para zonas de ocupação observadas. Ao final, todos os grupos apresentaram oralmente seus mapas e processos de criação. Esses depoimentos foram gravados em áudio e integram o acervo da pesquisa como fonte complementar de análise.

Todo o material foi digitalizado e catalogado. As fotografias foram indexadas por categoria temática; os croquis, vetorizados; as transcrições, codificadas em software de análise qualitativa. Os áudios das apresentações foram transcritos e analisados como narrativas reflexivas de apropriação e leitura do território. A triangulação desses conjuntos permitiu identificar padrões de uso do espaço, contrastes de presença/ausência e formas de pertencimento.

Essa metodologia, inspirada na caminhografia urbana e na cartografia social, integra percepção corporal, registro visual e construção coletiva de sentido, oferecendo um método robusto para investigar dinâmicas socioespaciais em áreas ribeirinhas.

3.3 Sentidos do espaço nas vozes e mapas dos estudantes

O processo de caminhografia urbana (Figura 4) gerou um conjunto expressivo de materiais: mapas narrativos, fotografias, croquis, colagens, anotações sensoriais e gravações das apresentações dos grupos. Esses registros – visuais e orais – revelam como os estudantes articularam diferentes camadas de leitura do território, fazendo emergir quatro categorias principais: sensibilidades corporais, contrastes espaciais, memória e pertencimento, e deslocamento e descoberta.

A análise adota como base epistemológica e metodológica o *Verbolário da Caminhografia Urbana* (Rocha e Santos, 2024), que propõe o caminhar como prática crítica e criativa de inscrição no espaço. O *Verbolário* apresenta a caminhografia como

um vocabulário de ação e invenção urbana, composto por verbos que açãoam o corpo, o território e a linguagem em movimento: escutar, desviar, pisar, perder-se, olhar torto, inscrever. Mais do que uma técnica de mapeamento (Figura 5), a caminhografia é compreendida como modo de produção de mundo, em que cada passo se torna gesto de leitura e reinvenção da cidade.

Figura 4: Prática da caminhada da caminhografia urbana. 2025.



Fonte: Acervo da disciplina Teoria e História I – Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade.

Figura 5: Prática do mapeamento da caminhografia urbana e apresentação final. 2025.

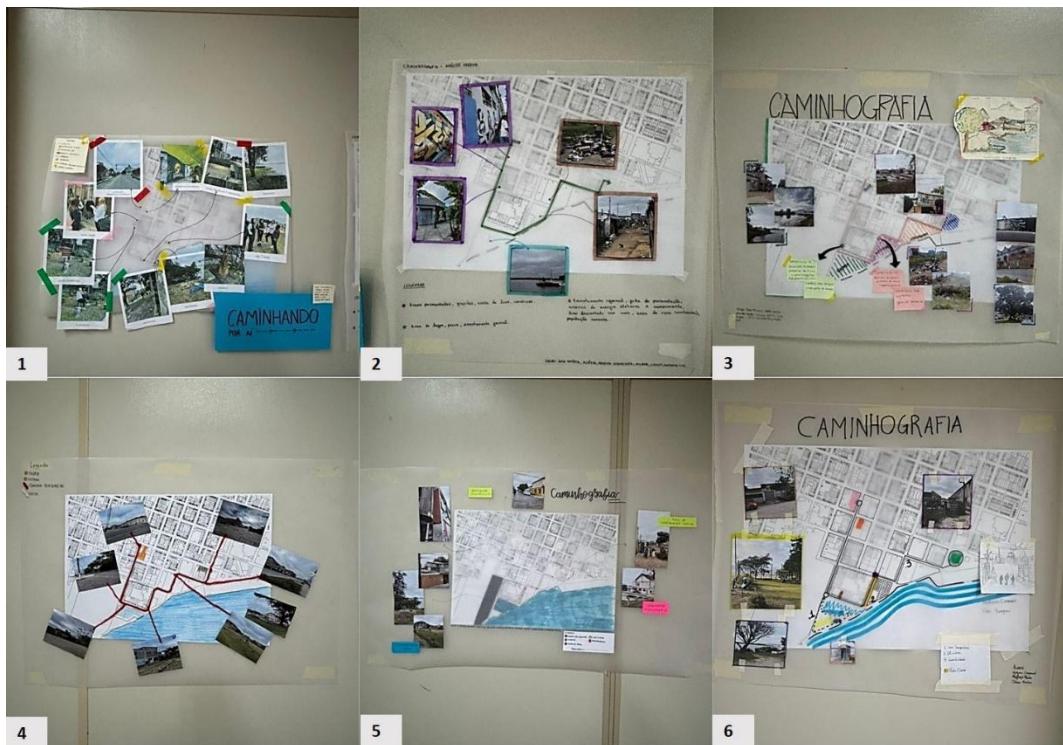


Fonte: Acervo da disciplina Teoria e História I – Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade.

3.3.1 Sensibilidades corporais

No *Verbolário*, o verbo sentir aparece como ponto de partida da caminhografia: o caminhar não é apenas deslocamento físico, mas ativação sensorial. Nos mapas produzidos pelos acadêmicos (Figura 6), essa dimensão é visível em gestos gráficos, colagens tátteis e marcas espontâneas. O mapa 1 (Figura 6) conecta imagens com linhas coloridas que sugerem fluxo e sinestesia. Já o mapa 6 (Figura 6) destaca o canal como presença sensível, com traçados azuis ondulantes e registros de temperatura e vento. Esses grafismos dialogam com as falas dos estudantes: “Tinha um cheiro muito forte de óleo, e a gente sentiu no corpo a diferença de temperatura quando chegou perto da água... foi como se o corpo falasse antes da gente entender.” No *Verbolário*, o corpo é ferramenta de cartografia: “não se tratando apenas de ouvir os sons, mas de ativar a atenção em um nível mais profundo de envolvimento” (Rocha e Santos, 2024, p.159).

Figura 6: Mapas 1, 2, 3, 4, 5 e 6 produzidos pelos estudantes. 2025.



Fonte: Acervo da disciplina Teoria e História I – Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade.

3.3.2 Sensibilidades corporais

Outro verbo central no *Verbolário* é confrontar — encarar os conflitos do espaço urbano e torná-los visíveis. Nos mapas, os estudantes operaram confrontos gráficos entre abandono e uso, ruína e presença, silêncio e ruído. O mapa 2 (Figura 6) apresenta resíduos sólidos, vegetação espontânea e construções degradadas sobrepostas ao traçado técnico da cidade. O mapa 4 (Figura 6) traça zonas de risco em vermelho e destaca áreas alagadas em azul, assumindo uma leitura crítica e engajada do território. Nas falas: “A gente viu beleza no abandono. Foi contraditório, porque o lugar era feio e bonito ao mesmo tempo”. “Tem lixo e mato alto, mas também tem criança brincando, tem roupa no varal.”. Como afirma o *Verbolário* “caminhar é também rasgar o discurso

oficial da cidade. Onde dizem que não há nada, vemos excesso: de história, de presença, de disputa" (Rocha e Santos, 2024, p. 51).

3.3.3 Memória e pertencimento

O verbo escutar ocupa lugar-chave no *Verbolário* e se manifestou nos mapas por meio da incorporação de vozes locais. O mapa 3 registra falas como "esse canal já teve vida" e insere desenhos que evocam corpos deitados junto à margem. O mapa 5 utiliza bloco de notas adesivas para destacar pequenas narrativas do cotidiano, articulando fotografia, palavra e afeto. As falas dos estudantes reforçam essa abertura à escuta: "A senhora que falou com a gente mora ali desde os anos 1980. Ela disse que quando era menina pescava no canal." As falas ficaram no nosso desenho, como se fossem parte do chão." O *Verbolário* propõe: "Escutar é inscrever o outro no mapa. É abrir espaço para o que a cidade diz fora da legenda, no volume das vozes não normativas" (Rocha e Santos, 2024, p. 66).

3.3.4 Deslocamento e descoberta

Por fim, os verbos desviar e perder-se aparecem como estratégias essenciais da caminhografia, desafiando os caminhos traçados e criando aberturas no cotidiano urbano. Nos mapas, essa atitude é visível na fragmentação do percurso, na irregularidade dos trajetos desenhados e na composição de camadas sobrepostas. O mapa 6 (Figura 6) ilustra essa experiência com setas confusas, imagens inclinadas e áreas de dúvida. Falas que reforçam essa categoria: "Nunca tinha passado por ali, e é perto do centro. Caminhar devagar fez a gente enxergar coisas que normalmente passam batido"; "Foi como abrir uma fresta no nosso olhar. A gente vê, mas não enxerga". No *Verbolário*: "Perder-se é método. Desviar-se é teoria. Só caminhando fora do previsto a cidade revela suas frestas" (Rocha e Santos, 2024, p. 29).

4. Considerações parciais das falas dos mapas e falas de apresentação

A análise integrada dos mapas sensíveis e das falas dos estudantes, iluminada pelos conceitos do *Verbolário da Caminhografia Urbana*, confirma o potencial epistemológico da caminhografia como método de investigação e formação. Nas margens do Canal São Gonçalo, os estudantes produziram não apenas mapas, mas documentos afetivos, políticos e críticos — inscrições visuais e narrativas que revelam camadas invisibilizadas do território.

Cada passo, escuta e traço foram convertidos em gesto de leitura e de escrita do urbano. Os mapas performam a experiência de caminhar, sentir, escutar e confrontar. Como propõe o *Verbolário*: “A cidade se lê com os pés, com os olhos em curva, com os ouvidos atentos e com a coragem de não saber o caminho” (Rocha e Santos, 2024, p. 10).

5. O Programa de Necessidades

A partir das informações coletadas nas etapas anteriores, estabeleceu-se uma dinâmica em sala de aula de Projeto de Arquitetura I para a elaboração conjunta do Programa de Necessidades, à qual se deu o nome de “O Gêmeo Mau”. O nome reflete os aspectos que não se deseja reproduzir, tenham eles sido identificados no local ou na cidade. A dinâmica se deu através de duas discussões sucessivas: a primeira em grupo de até quatro integrantes, seguida pela segunda, com toda a turma. Neste momento foram consolidados acordos sobre os itens que permaneceram como não passíveis de integração nas propostas. São exemplos: cercamentos, acesso de veículos e módulos privatizados. A próxima etapa foi então repetir a dinâmica, agora com os aspectos positivos, ou seja, todos aqueles oriundos das observações *in loco*, caminhografia, diário de campo e conversas realizadas.

O resultado mais direto do processo aqui descrito foi o Programa de Necessidades elaborado pelos estudantes, que trouxe itens a serem contemplados pelos projetos de revitalização urbana do Quadrado considerando cinco categorias (ou

camadas) de requisitos. O conjunto das atividades oportunizou uma ampliação e um aprofundamento de aspectos materiais e imateriais do local de projeto, impactando diretamente na elaboração do Programa de Necessidades. Assim, se impede que os anseios e repertório pessoais sejam os únicos critérios na elaboração do Programa de Necessidades. Ao contrário, as cinco camadas trazem aspectos que não teriam sido necessariamente considerados como tendo o mesmo peso, a mesma importância no processo de decisão sobre a intervenção no local.

As camadas de entendimento sobre os requisitos permitiram que durante as dinâmicas emergissem discussões sobre patrimônio (material e imaterial), relações sociais e econômicas existentes no local, inclusão social e gentrificação. As cinco camadas de requisitos estão apresentadas no Quadro 1.

Quadro 1: Camadas de requisitos. 2025.

Categoria	Elementos identificados / Diretrizes
a. Pré-existências	<ul style="list-style-type: none"> - Instituto Hélio D'Angola - Pracinha adjacente ao Instituto - Atracadouro que subsidia a pesca - Altar com o símbolo religioso de lemanjá - Quadra esportiva (com incentivo ao aprimoramento e orientação adequada) → Consideradas fundamentais e incorporadas ao programa de necessidades, influenciando positivamente nas diretrizes projetuais.
b. Aspectos imateriais a serem mantidos	<ul style="list-style-type: none"> - Atividade econômica da pesca: manutenção dos atracadouros e áreas de pesca. - Culto a lemanjá: preservação da estátua em seu local e da rampa de acesso à água. - Uso intergeracional: ampliação do parquinho, relocação/redimensionamento da quadra, criação de espaços de contemplação. - Inclusão social: qualificar o local sem gentrificação, mantendo sua identidade histórica e cultural.

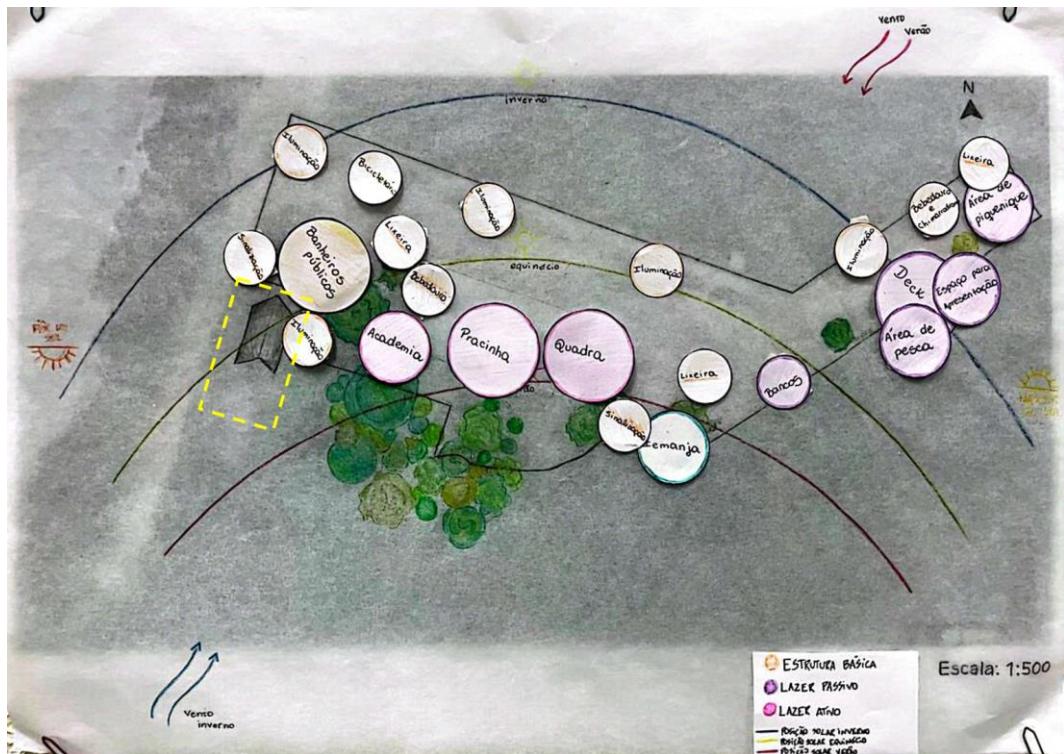
c. Potencialidades do local	<ul style="list-style-type: none"> - Inclusão de acessibilidade (mínimo: cadeirantes). - Espaços de contemplação. - Espaços para feiras de produtos da pesca e da comunidade local.
d. Expectativas dos moradores e usuários	<p>Aspectos a manter: movimento do público, promoção de eventos, pracinha infantil, constância na limpeza.</p> <p>Modificações/inclusões: diminuição do fluxo de veículos; mais lixeiras e bancos; atividades de interação pública; ações de segurança (enchentes, policiamento); academia ao ar livre; melhorias para a pesca.</p>
e. Expectativas dos estudantes	<ul style="list-style-type: none"> - Espaço pet (opcional). - Criação de deck e possível mirante. - Espaço confortável e colorido. - Bicletário, academia e banheiro acessível. - Espaços de comércio, socialização e apoio à pesca. - Áreas para alimentação (mesas ao ar livre, piquenique, água quente). - Presença de placas de sinalização e totens.

Fonte: Autores.

Observa-se nas Figuras 7 e 8 que houve uma preocupação em não deslocar a quadra esportiva para uma posição muito diferente da pré-existente. Os ambientes foram organizados conforme a afinidade de setorização, havendo um cuidado na proximidade do lazer ativo com o lazer passivo, já que o ativo ocasiona ruídos e a movimentação constante de pessoas. A distribuição dos ambientes privilegia as principais visuais do Quadrado, permitindo a contemplação do Canal São Gonçalo e a valorização da atividade de pesca que é significativa para o lugar.

Em relação às soluções adjacentes ao Instituto (destacado em linha tracejada amarela), observa-se, no estudo da Figura 7, a previsão de sinalizações e iluminação. Nota-se ainda a consideração de fatores ambientais, como a influência dos ventos predominantes – sem barreiras para os ventos de verão, enquanto as massas verdes atuam como proteção contra os ventos de inverno –, além da preocupação em compreender a trajetória solar no local e em seus ambientes.

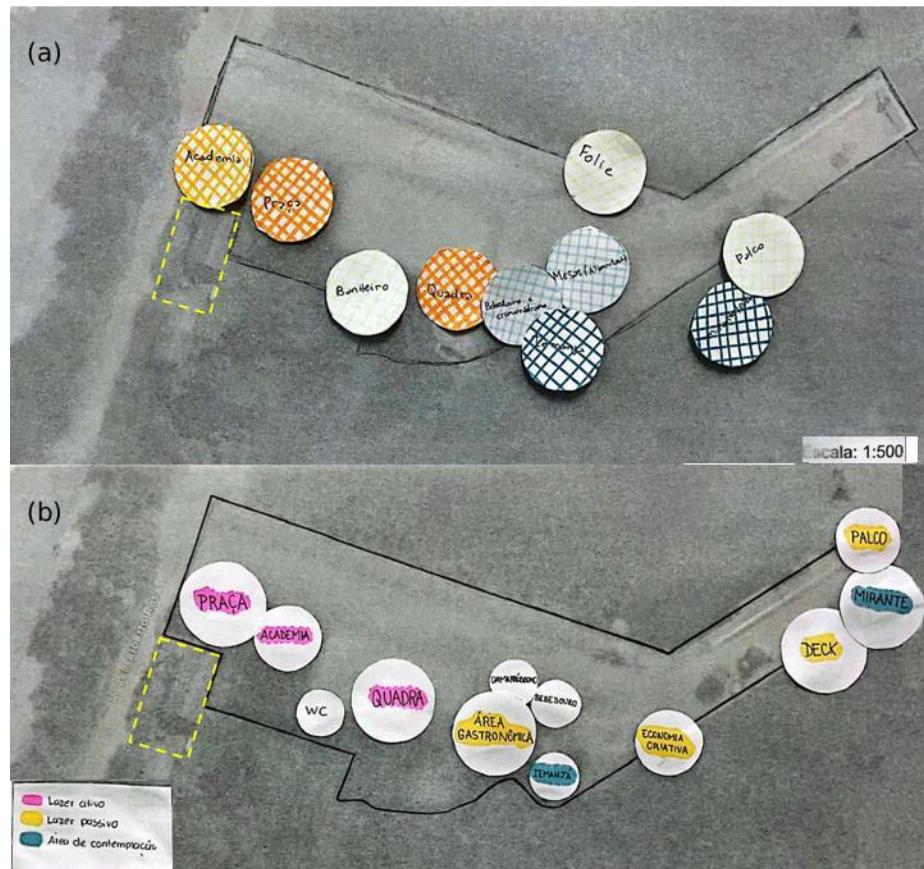
Figura 7: Programa de Necessidades implantado na área de intervenção. 2025.



Fonte: Acervo da disciplina de Projeto de Arquitetura I.

No modelo da Figura 8a foi proposta uma praça e, na Figura 8b, há um espaço de lazer ativo (academia), buscando uma relação com a praçinha que está ao lado do Instituto. Essas ações revelam uma tentativa dos estudantes de estabelecer conexões físicas e simbólicas entre o Instituto e o restante do espaço público, reconhecendo-o como um polo articulador de atividades sociais, educativas e culturais. Também se observa, em todas as propostas, que os sanitários públicos foram posicionados próximos às áreas de lazer ativo, com o intuito de atender, prioritariamente, às demandas geradas por essas atividades.

Figura 8: Programa de Necessidades implantado na área de intervenção. 2025.



Fonte: Acervo da disciplina de Projeto de Arquitetura I.

Ainda como resultado do impacto do conjunto de ações — visita, caminhografia, diário de campo e conversas com moradores/usuários —, constatou-se uma postura mais madura e clara por parte dos acadêmicos nos painéis de apresentação do projeto (Figura 9), evidenciando maior segurança em todas as tomadas de decisão.

Figura 9: Painel de exposição dos trabalhos. 2025.



Fonte: Acervo da disciplina de Projeto de Arquitetura I.

Após as percepções oriundas do painel e dos resultados obtidos nas propostas de implantação do Programa de Necessidades na área, oportunizou-se uma segunda visita ao local do projeto, dessa vez com objetivos ainda mais claros. Essa nova visita ocorreu após a realização do painel. O impacto dessa nova visita *in loco* foi percebido nos assessoramentos seguintes, pois as dúvidas restantes sobre os aspectos físicos do local foram elucidadas, ocorrendo novas medições e registros fotográficos. O resultado disso é que as propostas passarão por uma gradual evolução, a qual ocorre na mesma medida em que a apropriação do local foi, mais uma vez, ampliada (e pode-se dizer que, desta vez, consolidada).

6. Conclusões

Este artigo relata uma experiência interdisciplinar para compreender de forma ampla e aprofundada o local de intervenção urbana, em uma proposta desenvolvida na primeira disciplina de Projeto de Arquitetura da Universidade Federal de Pelotas e em

parceria com a disciplina “Teoria e História I – Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade”.

Através de uma abordagem interdisciplinar, as técnicas adotadas pelas duas disciplinas de primeiro semestre objetivaram abordar aspectos imateriais do local com o mesmo peso dos aspectos físicos, a fim de que o Programa de Necessidades (elaborado conjuntamente pela turma e professoras) refletisse não apenas os anseios oriundos de repertórios individuais, mas contemplasse uma visão mais ampla, de comunidade. Nessa abordagem, três resultados se destacaram: o peso dado aos aspectos intangíveis na apropriação do local; o uso do próprio corpo como principal ferramenta de apreensão dos aspectos físicos e ambientais do local; e a elaboração conjunta do Programa de Necessidades.

O *Verbolário da Caminhografia Urbana* (Rocha e Santos, 2024), concebido como um vocabulário de verbos que orientam práticas críticas e criativas no espaço urbano, foi mobilizado como referência epistemológica e metodológica central para a análise das caminhografias realizadas pelos estudantes. A adoção desta referência possibilitou compreender o caminhar não apenas como deslocamento físico, mas como gesto de leitura, inscrição e invenção da cidade.

O artigo articula as experiências de campo – fotografias, croquis, colagens, falas de moradores e mapas sensíveis – com verbos presentes no *Verbolário*, estruturando a interpretação em quatro eixos principais: sensibilidades corporais (sentir), confronto com os conflitos urbanos (confrontar), escuta das vozes locais (escutar) e descoberta por meio do desvio e da deriva (desviar, perder-se). Dessa forma, cada mapa e narrativa dos estudantes foram lidos à luz de um repertório conceitual que valoriza o corpo como instrumento de conhecimento, a pluralidade de vozes e a potência da errância como método.

O uso do *Verbolário* no texto não se restringiu a uma citação ilustrativa, mas operou como chave hermenêutica que guiou a análise dos materiais empíricos e deu densidade crítica ao processo formativo. Assim, as caminhografias foram compreendidas não apenas como registros de campo, mas como inscrições poéticas e

políticas do território, em sintonia com a proposta do *Verbolário* de expandir o campo da leitura urbana para além das técnicas tradicionais de observação e representação.

Como resultado imediato do conjunto de atividades e dinâmicas, a elaboração do Programa de Necessidades foi conjunta, e não trazida pelas professoras. A dinâmica do “Gêmeo Mau”, que introduziu os aspectos a serem evitados, estimulou o pensamento crítico sobre a cidade e considerou as vivências dos próprios estudantes. Esse foi o catalisador para a continuação do pensamento crítico, desta vez para aquilo que gostariam de contemplar nos projetos. Esse mesmo pensamento crítico permeou todas as decisões sobre a intervenção, a saber: sobre as pré-existências tangíveis (como o parquinho infantil, o Instituto Hélio D'Angola e a arborização) e intangíveis (como a história do local, o culto a lemanjá e as expectativas dos moradores). As atividades de pesca e lazer, embora observáveis, refletem experiências de uso do espaço e podem ser abordadas como parte do contexto social e cultural, mas não como elementos intangíveis puros.

O uso do próprio corpo como principal ferramenta para a apreensão ambiental é adotado na disciplina de Projeto de Arquitetura I já há alguns anos, integrando exercícios que precedem a ida ao local de intervenção. Neste relato, destaca-se a ampliação do uso do corpo para além de instrumento de medidas. A atividade de caminhografia proporcionou uma nova camada de percepção sobre o entorno e o local de estudo, utilizando-se de todos os sentidos para uma apreensão ampliada e múltipla.

Os aspectos ambientais como a insolação e os ventos (direção predominante e intensidade) foram os mais desafiadores para os estudantes, podendo-se dizer que, em sua maioria, poucos compreenderam. Nesses aspectos, a abstração não aconteceu como esperado e novas dinâmicas serão desenvolvidas para dar conta dessa lacuna. Outra dificuldade que percebemos nas duplas foi pensar mais na relação com o Instituto Hélio D'Angola. Nas propostas essa relação restringiu-se a mantê-lo no local. Estudar as relações visuais do local de projeto com o Instituto, a fim de ampliar de alguma forma sua relevância no projeto, não foi algo explorado pelos estudantes. Para uma próxima

edição, planejamos uma visita guiada ao Instituto para intensificar a sua importância nos projetos.

A segunda visita, mais estruturada, teve como foco a verificação in loco dos zoneamentos propostos pelas duplas, a checagem de dimensionamentos, visuais, topografia, pisos, arborização e elementos construídos. Essa vivência foi fundamental para a consolidação das propostas iniciais. Ao trazer novamente o corpo para o local de intervenção, desta vez com toda uma múltipla e complexa bagagem de análise já elaborada, percebemos a potencialização da observação, agora mais técnica e objetiva, conforme esperado. Os desdobramentos estão ocorrendo ao longo do semestre, com a evolução das propostas e ampliação das escalas (inicialmente de 1:500, agora de 1:250).

Referências

ARQUIVO NACIONAL. **Mapa da Cidade de Pelotas, Século XIX.** [Escala: 300 Braçadas]. Dimensões do mapa (36x18 cm). Arquivo Nacional, Fundo de Guerra, Série de mapas. Disponível em: <https://www.gov.br/arquivonacional/pt-br/search?origem=for%20search?origem=form&SearchableText=mapa%20Pelotas>. Acesso em: 20 jul. 2025.

COY, Martin. A interação rio-cidade e a revitalização urbana: experiências europeias e perspectivas para a América Latina. **Confins: Revista Franco-Brasileira de Geografia**, [S. l.], n. 18, 2013. Disponível em: <http://journals.openedition.org/confins/8384>. Acesso em: 13 jun. 2025.

GONZÁLEZ, Ana María Sosa; MARCHI, Darlan De Mamann. **Desafios e resistências nas transformações urbanas:** a preservação do patrimônio industrial na área do Porto de Pelotas, Rio Grande do Sul, **Brasil**. Revista Crítica Histórica, v. 14, n. 27, p. 1-28, jul. 2023. DOI: 10.28998/rchv14n27.2023.0004. Disponível em: <https://www.seer.ufal.br/index.php/criticahistorica/article/view/15542/10759>. Acesso em: 2 set. 2025.

GUTIERREZ, Ester Judite Bendjouya. **Barro e sangue:** Mão-de-obra, arquitetura e urbanismo em Pelotas (1777-1888). Pelotas, UFPelotas, 2004.

IPHAN, 2014. **Pelotas (RS)**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/281>. Acesso em: 15 jul. 2025.

PREFEITURA MUNICIPAL. **GeoPelotas**. [S. I.]: Prefeitura Municipal de Pelotas, [2025]. Disponível em: <https://geopelotas-pmpel.hub.arcgis.com/>. Acesso em: 20 jul. 2025.

RECKZIEGEL, Simone; FERNANDES, Gabriel Silva. Memórias da comunidade das Doquinhas: lembranças de seus moradores. In: **Anais do X Encontro de Pós-Graduação da UFPEL**. Pelotas: UFPel, 2008. Disponível em: https://www2.ufpel.edu.br/cic/2008/cd/pages/pdf/SA/SA_00061.pdf. Acesso em: 2 set. 2025.

ROCHA, Eduardo; SANTOS, Taís Beltrame dos. **Verbolário da Caminhografia Urbana**. Pelotas: Editora Caseira, 2024.

SECCHI, Bernardo. **Primeira lição de urbanismo**. São Paulo: Perspectiva, 2006. (Coleção Debates; 306).

SILVA, Ana Regina Emmerick da; REHBEIN, Maurício Osmar. Análise e mapeamento geomorfológico da área de influência da Planície Costeira de Pelotas (Rio Grande do Sul, Brasil). **Revista Brasileira de Geomorfologia**, São Paulo, v. 19, n. 3, p. 535-550, jul./set. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.20502/rbg.v19i3.1342>. Acesso em: 10 jul. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS (UFPEL). **Projeto de Arquitetura I**. [S. I.]: Universidade Federal de Pelotas, [20--]. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/disciplinas/cod/14120022>. Acesso em: 1 set. 2025.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS. **Teoria e História I: Arquitetura e Urbanismo na Contemporaneidade**. [S. I.]: Universidade Federal de Pelotas, [20--]. Disponível em: <https://institucional.ufpel.edu.br/disciplinas/cod/14120005>. Acesso em: 2 set. 2025.

VASCONSELOS, Tássia Borges de; KREBS, Lisandra Fachinello; SANTOS, Shirley Terra Lara dos. Processo Projetual No Ensino Híbrido: a escala do corpo e abstrações em representação. In: Graphica 2022: XIV International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design, 2022, Rio de Janeiro. **Anais Graphica 2022: XIV International Conference on Graphics Engineering for Arts and Design**. Rio de Janeiro: Even3, 2022, v.1, s. p.